

“AINDA SOMOS OS MESMOS”: UM ESTUDO SOBRE DRAMA SOCIAL EM UMA ESCOLA CARIOCA

Raquel Ferreira Rangel GOMES*

RESUMO: No trabalho de campo, realizado em uma escola estadual da zona sul do Rio, foi utilizada a perspectiva de análise de Victor Turner, a partir do conceito de drama social. Um evento extraordinário rompeu as relações reguladas pela norma iniciando o drama. Na crise desencadeada tornaram-se claras as linhas de força que estruturavam as relações sociais no interior da escola e desta com a Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro. O diretor foi afastado, a escola passou por um uma espécie de interstício entre a antiga norma e a que estava por vir. O rito tornou-se coletivo. Ocorrendo a expressão pública e simbólica da reconciliação entre as partes envolvidas no conflito com a reconstituição, ao menos temporária, do tecido social esgarçado. Ao final prevaleceu o código baseado no carisma e nos julgamentos morais. Com isso, o drama não produziu uma ruptura, mas consolidou as regras tradicionalmente vigentes naquela escola.

PALAVRAS-CHAVE: Drama social. Ensino médio. Escola.

Introdução

Esse ensaio está fundamentado nos dados coletados durante a realização do trabalho de campo em uma unidade escolar da rede estadual de ensino médio em um bairro da zona sul da cidade do Rio de Janeiro entre agosto de 2010 e dezembro de 2011.

* Mestre em Sociologia. UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. Rio de Janeiro – RJ – Brasil. 20051-070 – raquelfrg@yahoo.com.br.

Os acontecimentos ocorridos no Colégio Estadual Calixto Campus¹ serão narrados a partir da perspectiva de análise – e guia para a própria descrição etnográfica – de Victor Turner (1957), por meio do conceito de drama social. A riqueza desses momentos está na possibilidade de apreender as representações do conjunto dos atores sociais envolvidos nesse processo e seus respectivos posicionamentos diante da situação.

Trata-se de um drama social, iniciado por uma ordem expedida pela SEEDUC, que culminou com o afastamento do diretor geral e com a posse de uma nova diretoria. Aos poucos ficava evidente como cada qual escolhia o seu adversário e edificava sua própria versão sobre a natureza dos fatos e sobre a conjuntura. Nesse ponto, as questões deixavam de ser apenas restritas ao campo educacional, passando para a arena política, pois o que estava em disputa eram as diversas formas de conceber o poder dentro da escola. Que sistema normativo se tornaria efetivo? Seria um modelo mais carismático, como vinha sendo desenvolvido pelo então diretor geral Oséias ou o padrão burocratizado e racional proposto pela nova gestão de Salomé?

Os estudos realizados no campo educacional frequentemente têm se dedicado às análises dos saberes, do conhecimento, dos currículos, dos espaços, dos tempos, das instituições escolares, da materialidade escolar e dos métodos de ensino. Mas, poucos trabalhos têm se debruçado sobre a cultura escolar apreendendo-a do ponto de vista dos que vivenciam esse cotidiano. Nesse sentido, minha preocupação neste trabalho é perceber a dinâmica da vida social de uma escola carioca e assim descrever os modos pelos quais os próprios atores sociais constroem suas relações e suas práticas no dia a dia.

A inspiração para esse esforço antropológico baseou-se na análise da professora Yvonne Maggie (2001), em “Guerra de Orixá”, quando descreveu o processo de nascimento, vida e morte da tenda espírita Caboclo Serra Negra. Sua descrição, por sua vez, fundamentou-se na perspectiva de análise proposta por Victor Turner (1957) em “Schism and Continuity in an African Society”, quando foi elaborado o conceito de drama social para descrever a lógica processual da vida social em uma aldeia ndembu na África Central.

Segundo Turner (1957), o drama social expõe o caráter processual da vida social através das crises, distúrbios e conflitos, que com extensão e intensidades variáveis opõem pessoas ou grupos no seio de uma totalidade. Nesses

¹ Os nomes próprios utilizados nesse trabalho, incluindo o nome da escola, são fictícios a fim de manter em sigilo a identidade dos informantes.

interstícios, as partes envolvidas podem tanto invocar a lealdade a princípios diferentes, quanto a uma regra comum de cuja violação uma delas é acusada pela outra ou ainda o direito a posições de autoridade ou privilégio estabelecido na lei ou no costume. Um drama tem início, meio e fim, podendo ser expresso por um modelo agonístico, em situações de crise ou iminência de ruptura de um sistema. Nesse período de tensão, os resultados podem ser diversos. Pode predominar o peso da tradição, mantendo a continuidade da estrutura então abalada, adaptando-a ou pode predominar o peso das forças que levam à ruptura.

Para descrever o conflito, Turner (1957) propõe um modelo com quatro estágios, que não necessariamente estão presentes nessa disposição na realidade. A primeira fase seria composta pela ruptura de alguma relação vista como crucial no grupo em questão, relação que lhe fornece não só o seu contexto, mas também muitos de seus objetivos. Em seguida vem uma fase de rápida ampliação da crise na direção de uma intensificação da clivagem social. Como terceiro estágio existe um período para a aplicação de meios legais ou rituais de reparação ou reconciliação das partes em conflito, no campo da ação. O estágio final é a expressão pública e simbólica da reconciliação em diferentes padrões ou do rompimento irremediável.

Tendo então como base as quatro fases do drama propostas por Turner, passo agora à descrição da escola e dos fatos acontecidos entre maio e julho de 2011 no Colégio Estadual Calixto Campus.

Notas sobre a escola

O Colégio Estadual Calixto Campus estava situado em uma rua de grande movimentação em um bairro da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Ao redor da escola havia uma grande praça e estabelecimentos comerciais diversos: restaurantes, lojas, papelarias, dentre outros; além de alguns prédios residenciais. A praça era bem arborizada, com alguns quiosques de vendedores de flores, chafariz central, mesas para jogos como damas e xadrez, onde frequentemente era possível ver pessoas, em sua maioria idosos, que passavam ali grande parte do dia. A estação do metrô mais próxima estava localizada na praça, assim como também uma academia ao ar livre que fazia parte do programa de atividades para a terceira idade. Havia ainda uma cabine e uma patrulha da Polícia Militar e, a todo o momento, guardas municipais em ronda circulavam pelo local em um pequeno carrinho motorizado, semelhante a um carrinho de golfe. No entorno da praça havia uma imponente igreja, lojas, supermercados, drogarias, galerias,

restaurantes, cinemas, posto dos correios, algumas escolas particulares e vários prédios residenciais.

O colégio atendia a 3.500 alunos do ensino médio de várias partes da cidade. Dois dos principais motivos dessa variedade de público na escola, segundo diziam os próprios estudantes e até os professores e funcionários, era em primeiro lugar a sua localização que aumentava a procura de alunos que trabalhavam no centro e adjacências, pois podiam estudar em um período, almoçar na escola e depois ir para o trabalho sem grandes deslocamentos; e em segundo, a facilidade no acesso pela variedade de meios de transporte próximos à escola, como o metrô e as várias linhas de ônibus com trajetos que ligavam a zona norte ao centro e a zona sul.

Acrescentava-se a estas razões espaciais a mudança ocorrida no processo de matrículas nas escolas da rede estadual do Rio de Janeiro, que até pouco tempo era feito pelos pais/responsáveis no próprio estabelecimento escolar e havia prioridade no preenchimento das vagas para os estudantes com endereços próximos à escola. O processo foi modificado. Desde então, os pais/responsáveis realizam a pré-matrícula do estudante através do site <www.matriculafacil.rj.gov.br>, em um período específico. Na ficha preenchida o aluno deve indicar o nome de pelo menos cinco escolas de sua preferência. Com a divulgação da confirmação da matrícula na unidade escolar, o aluno deve comparecer no período de até 30 dias para confirmação da mesma. Desta forma, o item “bairro/ localidade de moradia” não é utilizado como critério prioritário no preenchimento das vagas. Essa mudança no método de matrículas, juntamente com a democratização e expansão do sistema educacional, proporcionou maior diversidade de público nas escolas em geral.

A escola contava com um diretor geral, três diretores adjuntos, seis funcionários na secretaria, seis funcionários na limpeza, três funcionários na cozinha e quatro funcionários na biblioteca. Ao todo eram 32 professores e professoras com cargas horárias variáveis que atendiam às turmas de segundo ano. No turno da manhã havia um coordenador de turno, dois inspetores e uma supervisora pedagógica.

O prédio, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), tinha dois andares, era arejado e espaçoso, embora apresentasse problemas de conservação que chegavam a comprometer o uso de determinados espaços como as quadras e algumas partes do pátio. A escola tinha biblioteca, refeitório, auditório, duas quadras esportivas (sendo que uma estava desativada devido a problemas de estrutura), sala de multimídia equipada com

DVD, televisão, data show e condicionador de ar, além de um pequeno pátio onde os alunos circulavam na hora do intervalo.

Escolhi realizar minha pesquisa de campo com os alunos do turno da manhã pelo fato de ser considerado pela própria escola como sendo “o melhor”. Dessa forma, acompanhei 315 alunos do segundo ano, divididos em sete turmas inicialmente, e, depois organizados em cinco turmas no terceiro ano até a sua formatura no ensino médio. Optei por acompanhar aqueles que sobreviviam aos bimestres, isto é, aqueles que conseguiam avançar e não desistiam e/ou saiam da escola ao longo do ano letivo.

Como tudo começou: a ruptura da norma

Era uma terça-feira, dia dez de maio de 2011, começo do segundo bimestre. Este seria o início de mais uma semana de aulas como tantas outras que pude observar desde o início da pesquisa. Havia alguns alunos na praça em frente à escola, outros no portão lateral do colégio tentando entrar mesmo que atrasados, enfim: aparentemente tudo estava no seu devido lugar. Porém, ao entrar na escola percebi que havia alguma coisa diferente do habitual. Cheguei por volta das 8h30min e pude perceber muitos alunos circulando pelo pátio e pelos corredores por onde passei, diferentemente do que vi em outras ocasiões. Uma inquietação tomava conta dos corredores e das salas de aula.

Já na sala do Serviço de Orientação Pedagógica (SOP) encontrei a coordenadora pedagógica, o inspetor e a coordenadora de turno bastante agitados. Havia ainda alguns professores e também alunos na sala. Todos conversavam e a Sandra, coordenadora de turno, estava bastante alterada repetindo várias vezes “quero ver aonde isso vai dar...”. Procurei entender o que estava acontecendo e, perguntando daqui e dali, ouvindo cada um dos alunos que entravam, consegui juntar as peças e montar o quebra-cabeça. A direção anunciou que recebera uma ordem da SEEDUC segundo a qual só poderia liberar os alunos após o término do período de aulas da manhã, às 12h20min, independentemente de eles terem ou não aula.

Para a cultura daquela escola², a ordem foi entendida nos seguintes termos: estava proibida a prática costumeira do “adiantamento de aulas” e da liberação das turmas antes da hora oficial do término do turno. Essa foi a forma como o

² Nesse trabalho o termo cultura escolar é entendido como os rituais cotidianos da escola, suas práticas organizacionais e as crenças partilhadas por aqueles que nela trabalham e estudam.

diretor geral, Oséias, explicou a ordem da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC) em uma Comunicação Interna (CI) endereçada ao corpo docente e discente, enviada dia 12 de maio, quinta-feira. A CI informou ainda que: “Haverá otimização de turmas, as quais serão informadas por essa direção à comunidade escolar na segunda-feira dia 16.05.2011”.

Os dois enunciados dispostos no documento causaram grande reboliço. Todos pareciam inconformados com a proibição. Os alunos reclamavam, porque seriam obrigados a ficar na escola sem “fazer nada”. Professores e coordenadores criticavam a regra dizendo que, com a proibição de adiantar tempos de aulas vagos, seria difícil conseguir dar aulas aos poucos alunos que estavam em sala, já que haveria grande movimentação pelos corredores e pátios e boa parte dos estudantes aproveitariam a confusão para “matar aula”³.

Os professores estavam apreensivos e queriam saber quais turmas seriam “otimizadas” e já previam a devolução⁴ de colegas à SEEDUC. Essa previsão exaltou os ânimos, principalmente de professores recém-chegados ao colégio. Afinal, um dos critérios de seleção em cogitação, segundo eles, seria o tempo de trabalho na escola, o que lhes seria desfavorável. Depois de entender o significado daquela CI, o burburinho que percebi ao chegar à escola passou a fazer mais sentido e tudo ficou claro para mim. O grande número de alunos nos corredores era decorrente da falta de professor e a inquietação devia-se ao fato de que ninguém – nem professores nem alunos – poderia adiantar aula e sair mais cedo.

Ao longo do trabalho de campo, percebi que existiam três tipos de horários vagos. Um primeiro tipo, que aqui chamarei de “estrutural”, era produzido pela direção da escola ao organizar os horários, em virtude da carência de professores. De modo que, cada turma tinha em média dois horários vagos por semana. O outro tipo de horário vago era decorrente da falta ocasional de algum professor, mas como, em geral, os professores não eram assíduos e não havia substituto, ele deixava de ser, de fato, ocasional, passando a compor a rotina – ocorrendo no mínimo um caso por dia—. Um terceiro tipo era causado pela falta de professores por motivo de licença médica ou de licença maternidade. Os licenciados

³ Essa é uma expressão recorrente no ambiente escolar e significa que o aluno não assistirá a aula, mesmo que ela esteja acontecendo. Os alunos costumavam sair de suas salas e ficar pelo pátio, ou até mesmo sair da escola e ficar na praça.

⁴ A expressão “devolvido” significava que com a “otimização” das turmas, isto é, com o ajuntamento de turmas que estivessem com poucos alunos frequentando e conseqüentemente com o fechamento de turmas, alguns professores seriam dispensados, sendo então “devolvidos” a secretaria de educação para que fossem realocados em outra escola da rede, onde houvesse a necessidade de professores.

não eram substituídos pela SEEDUC, de forma que algumas turmas chegavam a ficar um bimestre inteiro sem determinada disciplina, visto que a licença médica poderia ser renovada por longos períodos.

Os horários vagos acarretavam o famoso e conhecido “adiantamento das aulas”, isto é, alunos e professores, em comum acordo, adiantavam os horários ou seus tempos de aula. Assim, um professor chegava a “dar aula” ao mesmo tempo para até três turmas. Para dar conta de toda essa demanda, os professores passavam atividades e fichamentos sobre a matéria para que os alunos entregassem ao final do horário. Essas atividades passavam, então, a substituir as aulas do professor que havia faltado e contavam como aulas dadas da disciplina do professor que o estava substituindo.

A nova ordem da SEEDUC era manter os alunos na escola, mesmo quando estivessem com horários vagos. A orientação era encaminhá-los para a biblioteca, para o laboratório de informática ou para alguma outra atividade, mas, como não havia essa estrutura na escola, os alunos ficavam sem ter o que fazer, vagando pelos corredores e pelos pátios, “tumultuando” o funcionamento da escola. Nesse caso, até existia a biblioteca, mas o acesso era restrito devido ao horário de funcionamento reduzido.

Ao longo da semana do dia dez de maio a situação se repetiu: diversas turmas estavam sem aula e os alunos vagavam pelos corredores. A regra emitida pela SEEDUC, no qual se reafirmava uma norma da estrutura oficial, produziu o rompimento de uma norma razoavelmente consensual e difundida pela prática escolar do “adiantamento de aulas”. Com isso, aquela semana, que começou como outra qualquer, acabou sendo o início dos acontecimentos que marcaram todo o ano letivo de 2011 no Colégio Estadual Calixto Campus.

O Agravamento da crise

Na semana seguinte, que começou no dia 16 de maio, os alunos, chefiados pelos membros do grêmio estudantil, organizaram uma passeata saindo da escola e seguindo em direção à SEEDUC, localizada na Rua da Ajuda, no centro da cidade. O diretor geral disse que não apoiaria diretamente a manifestação dos estudantes, pois não poderia se colocar contra as ordens da SEEDUC, mas não se oporia e colaboraria, de maneira discreta, ajudando no que os alunos precisassem. Alguns professores colaboraram na elaboração de cartazes e faixas, mas nenhum deles participou da passeata e apenas se concentraram em frente ao colégio. As principais reivindicações dos estudantes eram: a contratação de

novos professores e o fim da regra “imposta” pela SEEDUC, que proibia o “adiantamento de aulas”.

Os alunos começaram organizando o movimento em frente à escola. Eram aproximadamente 600 alunos, parte deles estava do lado de dentro da escola e outra parte na praça em frente. Alguns preparavam os cartazes para a manifestação no *hall* de entrada do colégio. O material utilizado foi fornecido pelo diretor geral ao grêmio, que por sua vez disponibilizava aos alunos, cartolina, canetas, tintas, entre outros materiais para a confecção dos cartazes e faixas. Outros alunos do grêmio distribuíam apitos entre os estudantes do lado de fora da escola.

Os alunos caminharam por cerca de 5 quilômetros. Ao chegarem ao prédio da SEEDUC, os alunos faziam bastante barulho com apitos e gritos de guerra que ecoavam por entre os altos edifícios. Passados alguns minutos após a chegada dos manifestantes, os seguranças do prédio formaram uma espécie de “cordão humano” proibindo a entrada dos alunos e, ao mesmo tempo, empurravam-nos para fora da calçada. O clima ficou tenso e o “empurra-empurra” ia exaltando cada vez mais os ânimos. Apesar disso, a manifestação continuou sem grandes agressões, embora algumas pessoas das janelas dos prédios jogassem água e garrafas de plástico em cima dos estudantes. Depois de algum tempo de espera, funcionários da SEEDUC disseram que alguns alunos estavam autorizados a subir e seriam atendidos pelo secretário de educação. O grupo decidiu que cinco alunos do grêmio iriam para a reunião. O secretário ouviu as reivindicações e prometeu aos alunos uma visita à escola – que mais tarde foi feita pelo subsecretário Antônio Neto e também pelo próprio secretário de educação, Wilson Risolia.

“A passeata dos alunos foi um sucesso”, disse o presidente do grêmio. Os alunos sentiram-se prestigiados e felizes por terem sido atendidos. Já alguns professores não ficaram muito satisfeitos com a recepção dada aos alunos. Achavam um “absurdo” eles terem sido ouvidos enquanto os professores, que desde março organizavam passeatas em busca de reajuste salarial, não tivessem tido o mesmo tratamento.

Conforme prometeram, as visitas das autoridades ocorreram ainda no mês de maio. Pude acompanhar a inspeção do subsecretário de educação. Ele chegou à escola ainda cedo e permaneceu por toda a manhã, acompanhado por uma assessora. Andaram por toda escola – quadras, refeitório, auditório, biblioteca, sala de vídeo –. Olharam as instalações elétricas, a precariedade da estrutura física das quadras e dos banheiros, registrando através de fotografias tiradas com o

celular os casos mais graves. O subsecretário perguntava aos alunos e aos professores se eles sabiam quanto a escola recebia de recursos da SEEDUC, o que era feito com os recursos recebidos, como era conduzida a aplicação desse dinheiro e quais os principais problemas da escola. Mas, ninguém soube responder às suas indagações. A visita do secretário Wilson Risolia foi realizada também na terceira semana de maio, no turno da tarde e sem aviso prévio. Ao longo da semana não se falou de outra coisa.

Na semana seguinte a essas visitas, cheguei à escola numa terça feira e o assunto era o afastamento do diretor geral Oséias. Ele já havia retirado os seus pertences da sala da direção e todos comentavam a publicação no Diário Oficial de 23 de maio (segunda feira) oficializando o seu “afastamento do cargo”. O fato de ter sido publicado afastamento do cargo no lugar da exoneração foi usado pelo ex-diretor Oséias para reforçar sua versão de que era vítima da perseguição por parte de um diretor adjunto da gestão anterior que fora devolvido à SEEDUC. Para Oséias, se houvesse realmente provas que reforçassem as acusações, ele seria exonerado de uma vez. Dizendo isso, o ex-diretor também alimentava a esperança de um possível retorno.

Em virtude desse acontecimento, os alunos organizaram uma segunda passeata, no dia 26 de maio, reivindicando a volta do diretor. Nos três dias entre a publicação no Diário Oficial e a passeata realizada pelos alunos, o ex-diretor encontrou-se secretamente com o presidente e o vice-presidente do grêmio para entregar-lhes um dossiê com toda documentação que, segundo Oséias, provava sua inocência em relação às acusações de que estava sendo vítima. O dossiê, posteriormente apresentando a SEEDUC, continha e-mails, cartas e comunicados expedidos pela direção da escola e endereçados à SEEDUC sinalizando o cumprimento das determinações feitas pelo órgão público e explicando os motivos quando essas não puderam ser cumpridas principalmente no que se referia às obras de reestruturação da escola, da quadra e da rede elétrica.

O principal argumento do subsecretário e do superintendente de gestão da rede para justificar o afastamento do diretor foram as críticas feitas pelos estudantes durante a primeira passeata, que desencadearam as visitas das autoridades da SEEDUC ao colégio. Segundo as autoridades, os próprios alunos provocaram o afastamento do diretor, pois “chamaram atenção” da SEEDUC para as reais condições da escola e a péssima gestão dos recursos. Outra linha de argumentação pautava-se no fato de o diretor não estar cumprindo a carga horária exigida de um diretor geral de uma escola com três turnos (um total de 40 horas semanais).

Os alunos ficaram desconsolados e não aceitaram as acusações. A todo o momento, enquanto mostravam os papéis, os alunos falavam que as autoridades não podiam colocar um diretor desconhecido na escola, porque esse novo diretor não conheceria a escola tão bem quanto o diretor Oséias, que havia estudado no Calixto, que fora professor e só depois diretor. Segundo os estudantes, o ex-diretor, mais do que ninguém, conhecia os alunos, a escola e os problemas da escola. Os estudantes afirmavam também que a escola havia melhorado muito na sua gestão. Não havia mais “pichações nem gente fumando nos banheiros”. Diziam que “a escola era outra” em comparação com a situação da gestão da antiga diretora Rosana. No entanto, apesar do dossiê e da conversa com os alunos, a decisão da SEEDUC estava tomada. Era irreversível.

Nessa manifestação os alunos também contaram com pouco apoio dos professores. Os docentes do Calixto Campus estavam divididos. Uma primeira divergência era decorrente do fato de que, no período de intervenção sofrido pela escola em 2008⁵, quando a antiga direção fora exonerada, Oséias assumira o cargo a pedido da SEEDUC, tornando-se depois o diretor geral. Oséias foi acusado de ter traído a antiga direção e, com isso, ganhou aliados e inimigos dentro da escola. O corpo docente se dividiu em dois grupos principais: um grupo de professores favorável à permanência da então diretora Rosana e, portanto contrário a Oséias, de um lado e, de outro, um grupo favorável à saída da ex-diretora e que demonstrava total apoio ao novo diretor. Mas, uma segunda fonte de discórdia estava relacionada com o momento de drama social aqui descrito. Enquanto o conflito e a crise estavam se desenrolando na escola, o Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do Rio de Janeiro (SEPE/ RJ) anunciou greve geral por reajuste salarial e contra a atual gestão da SEEDUC.

⁵ No mês de junho de 2008, com a saída de uma das diretoras adjuntas, Oséias foi convidado para ocupar o cargo vago. Em outubro do mesmo ano, poucos meses depois da aceitação do convite, a diretora foi exonerada do cargo, juntamente com todos os outros adjuntos, menos Oséias, sob acusação de desvio de verba da merenda escolar, da xérox que funcionava dentro do colégio e cobrava pelas cópias, e também das festa organizadas pela diretora em parceria com os alunos do grêmio. A comissão de intervenção permaneceu na escola por mais ou menos um mês e, durante esse período, Oséias permaneceu no cargo auxiliando a comissão como um intermediário entre a SEEDUC e a escola. Com o fim do período de intervenção, em meados de novembro veio o convite para que ele se tornasse diretor geral. Tendo aceitado o convite, Oséias nomeou dois diretores adjuntos e a SEEDUC nomeou um terceiro diretor adjunto para fazer parte da nova equipe de direção do colégio – o Gilson. Esse professor nomeado pela SEEDUC como diretor adjunto, se tornou um desafeto de Oséias, e tempos depois foi “devolvido” a Secretaria de Educação pelo então diretor, sob acusações de problemas com alunos e com a direção. Gilson foi realocado em cargos administrativos, tornando-se posteriormente superintendente da rede estadual. Segundo Oséias, foi Gilson quem causou seu “afastamento” do cargo de diretor, como uma espécie de vingança.

Boa parte dos professores do Calixto Campus era sindicalizada e aderiu à greve. E esse foi outro motivo causador de divisões no grupo dos docentes: uns professores eram a favor e outros eram contra a greve. No entanto, a divisão por questões internas se sobrepôs à divisão dos professores em relação à greve geral e, na passeata pela volta do diretor Oséias, realizada pelos alunos, o apoio dos professores foi ainda menor.

O período liminar

Descrevi até aqui as duas primeiras fases do drama. Em primeiro lugar, o rompimento de uma regra fundamental naquela escola, o adiamento de aulas e o afastamento do diretor. Em seguida, um período de liminaridade, no qual as regras foram suspensas e as fronteiras entre os papéis na escola não estavam bem definidos. Alunos, professores e diretores tiveram como que suspensos os seus papéis costumeiros.

Pude perceber, no momento de liminaridade, a aproximação dos movimentos sociais com a escola, principalmente dois movimentos estudantis: a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) e a Associação dos Estudantes Secundaristas do Estado do Rio de Janeiro (AERJ). O primeiro fez seu contato com o C.E. Calixto Campus por meio da Malu, estudante da escola no turno da noite e uma das líderes do movimento. O outro movimento era liderado por Cláudio, estudante de uma escola técnica na zona norte da cidade. Apesar das diferenças de opiniões e disputas entre esses movimentos sociais pelo domínio da escola, os dois enfatizavam a necessidade de separar a luta dos estudantes daquela empreendida pelos professores e não aceitavam a liderança do SEPE. O movimento dos alunos seguiu independente do movimento dos professores até certa altura. Cada grupo erigia o seu adversário e construía sua própria versão sobre a natureza dos fatos e sobre a conjuntura.

Minha própria posição dentro da escola ao longo do drama me fez perceber vários dos impasses existentes entre esses movimentos. Em um determinado momento minha permanência na escola foi ameaçada. O fato de ter participado de manifestações e passeatas, assim como também das reuniões do grêmio e dos professores para tentar compreender aquele drama, fez com que alguns professores passassem a me considerar *persona non grata*. Uma professora de sociologia chegou a me ameaçar, dizendo que falaria com a minha orientadora, sua ex-professora, sobre meu “mau comportamento” e que me delataria à direção,

impedindo minha presença na escola. A cada momento vários papéis sociais eram imputados a mim: relatora da SEEDUC, “x9” do grêmio estudantil, pertencente aos movimentos estudantis, etc.

Com o início da greve geral, à qual aderiram dezesseis professores do turno da manhã, e o afastamento do diretor geral a escola viveu um momento de liminaridade. Sem uma direção estabelecida e com boa parte dos professores em greve, os alunos, em sua maioria, também declararam greve, permanecendo assim durante todo o mês de junho e a primeira quinzena de julho sem frequentar a escola. Assim, o segundo bimestre passava em meio a muitas tensões dentro e fora da unidade escolar.

Durante esse período intersticial, era como se a escola estivesse sendo preparada para algo novo que estaria por vir. Diferentemente de outros casos em que os diretores foram afastados e uma comissão de intervenção tomou a direção da escola, assim como analisou Galeno (2009) e como havia acontecido em 2008, com a exoneração da diretora Rosana no próprio colégio Calixto Campus. Dessa vez entre a saída da antiga direção e a chegada da nova diretoria, houve um período no qual a escola ficou sem uma liderança, aguardando o que estava por vir. Tal como afirmou Victor Turner (1974), os atributos da liminaridade são ambíguos e indeterminados, uma vez que essa condição e essas pessoas escapam às classificações que determinam as posições no espaço cultural. Por isso, em muitos casos, a liminaridade é comparada à morte ou ao período em que nos encontramos no útero. Essa fase liminar de transição representava o interstício entre as condições sociais prévias e um período de incorporação a uma nova condição ou reagregação à antiga ordem.

A expressão simbólica da reconciliação: considerações finais

Durante o período liminar, a relação com a SEEDUC estava como que em suspenso. Com a chegada da nova diretora, os laços foram simbolicamente reatados e uma nova gestão estabelecida. Salomé, a nova diretora, havia dirigido uma escola noturna na zona norte da cidade e havia participado do curso de capacitação de gestores promovido pela SEEDUC como parte do “plano de metas”⁶. Um dos meus primeiros contatos com a nova diretora aconteceu por causa da pesquisa que eu realizava na escola. Ela não aceitou as regras que

⁶ O “plano de metas” era o apelido dado pelos professores e alunos às políticas propostas e implementadas pela SEEDUC a partir da posse do secretário Wilson Risolia, em janeiro de 2011. Por se tratar de uma cartilha com estratégias e metas definidas e pontuadas, a série de medidas proposta ganhou essa alcunha no ambiente escolar.

havia sido anteriormente estabelecidas para a minha permanência na escola e informou que eu deveria providenciar autorização da SEEDUC e só depois poderia retomar as atividades⁷.

Durante pouco mais de um mês tentei conseguir a autorização da SEEDUC e, quase no final do mês de agosto, finalmente obtive o documento necessário para retomar meu trabalho de campo. Quando retornei à escola percebi muita coisa diferente, desde o portão de entrada dos alunos, passando pela organização das salas, mobiliário, professores e até a rotina dos conselhos de classe.

A entrada de alunos, antes feita pelo portão principal, passou a ser realizada pelo portão lateral. Através da organização do espaço da escola foi marcada uma diferença entre alunos, de um lado, e de outro os professores, familiares e visitantes que deveriam entrar pelo portão principal. Algumas turmas mudaram de sala em função de uma melhor adequação do número de alunos ao espaço físico, assim como também mudanças foram feitas na disposição dos alunos durante a aplicação de provas, sinalizando uma racionalização dos espaços.

De início, os arquivos da escola foram reorganizados. Os documentos dos alunos antigos, que antes ficavam divididos em estantes em um corredor que levava a sala da direção e em um pequeno cômodo que ficava no final do pátio, foram retirados e todos foram organizados em uma única sala localizada no térreo próximo a secretaria da escola, facilitando o acesso e otimizando o tempo para encontrá-los. Os diários de classe que ficavam com os professores em suas casas ou em seus armários na sala dos professores, passaram a ficar na escola em pastas dentro de um enorme escaninho localizado na sala do SOP. Os professores deveriam lançar as notas e a frequência dos alunos nos diários durante o período em que estivessem no colégio. As informações dos alunos também eram lançadas no sistema informatizado – o “conexão”⁸ – e em um novo sistema, que continha todo o histórico escolar informatizado de cada aluno, produzido pela equipe da diretora Salomé.

Com relação ao conselho de classe foram acrescentados novos pontos na pauta da reunião, como organização das listagens de alunos identificando-os

⁷ Quando me apresentei ao antigo diretor professor Oséias ele apenas pediu uma carta de recomendação da minha orientadora e ele mesmo escreveu no canto direito da folha: “*A mestrandia está autorizada a desenvolver a pesquisa solicitada em uma turma de 2º ano no 1º turno*”. Não houve necessidade de autorização da SEEDUC.

⁸ O Conexão Professor é um sistema de lançamento de notas da SEEDUC, no qual o professor tem uma data limite para enviar as notas obtidas pelos alunos em cada bimestre, assim como também o número de faltas, as notas da recuperação, os alunos reprovados, entre outras informações. Trata-se de um diário de classe informatizado.

como “assíduos”, “fantasmas”, “faltosos” e “sumidos”, com objetivo de otimizar as turmas. Além disso, durante a reunião bimensal os professores eram auxiliados por um novo sistema contendo fichas, histórico escolar e uma foto dos alunos.

Como somente o diretor Oséias havia sido afastado do cargo, os três diretores adjuntos tiveram seus cargos mantidos. Porém, com a chegada da nova direção, o diretor adjunto Silvio tirou licença médica para fazer uma cirurgia e, quando retornou, pediu para ser alocado em outra atividade dentro da escola, passando a trabalhar na biblioteca. Essa atitude, segundo o próprio diretor adjunto, era uma atitude de repúdio à saída do diretor Oséias. As outras duas diretoras adjuntas permaneceram no cargo e outra professora, indicada pela diretora Salomé, assumiu a vaga ocupada antes por Silvio.

A antiga direção, a do professor Oséias, mantinha uma relação conflitante com a SEEDUC, mas não estabelecia uma oposição claramente demarcada. Segundo o ex-diretor, os pedidos feitos por ele à secretaria não eram atendidos, devido a problemas pessoais com um ex-professor e diretor da escola que agora era o superintendente da secretaria e para o qual ele deveria encaminhar as solicitações e memorandos ou ofícios. Não se pode afirmar que havia uma resistência clara da direção do professor Oséias às ordens da secretaria, mas, sim, uma indiferença aos comandos da SEEDUC. O que por vezes proporcionava outra impressão era o fato de que o colégio era uma das unidades escolares que mais concentrava “sepistas”, isto é, professores sindicalizados. O SEPE se posicionava contrário à política do novo secretário e, por vezes, esse posicionamento foi responsável pela resistência dos professores da escola ao “plano de metas”, à aplicação do SAERJ⁹ e a outras medidas tomadas recentemente pela SEEDUC como forma de estar cada vez mais presente na escola.

Na vigência da nova direção havia uma total aceitação do “plano de metas” e das ações da SEEDUC, o que de fato não impedia o posicionamento e a ação dos professores “sepistas”. Todavia, estando a direção em conformidade com as normas da SEEDUC, as manifestações contrárias tendiam a ficar mais abafadas. A nova diretoria restabeleceu os laços da escola com a SEEDUC. Nesse sentido, nos primeiros meses houve uma intenção de retribuir, mostrando o apoio da SEEDUC à escola. As obras foram rapidamente iniciadas; a escola foi reorganizada em termos de secretaria escolar, arquivamento de documentos, otimização dos espaços, reorganização das salas de aula, das salas da secretaria

⁹ Sistema de Avaliação da Educação do Rio de Janeiro – avaliação anual aplicada em toda rede estadual com o objetivo de avaliar o desempenho dos estudantes em português e matemática, promovendo assim um “diagnóstico” da educação no estado.

e apoio escolar, do refeitório; painéis contendo informações sobre as metas da SEEDUC, os resultados das avaliações diagnósticas (SAERJ) e a missão da escola foram espalhados pelo colégio.

A luta que se travou na escola e que se materializou no drama descrito deveu-se a esta duplicidade de perspectivas. Se de um lado a escola tradicionalmente foi regida por princípios carismáticos, no qual o diretor Oséias mantinha um relacionamento próximo aos alunos e aos funcionários, e normas informais como o “adiantamento de aulas” eram tornadas práticas escolares amplamente difundidas e consolidadas, mesmo que se colocassem contrárias a estruturação oficial dos horários, em que os julgamentos morais dos professores em relação aos alunos eram sacralizados e considerados o princípio fundamental de organização da cultura escolar, de outro, a nova gestão propunha uma organização mais burocrática, com certo distanciamento e marcação das hierarquias escolares, voltada para a melhoria do ensino, como determinava o “plano de metas” da SEEDUC e determinada a sacralizar a estruturação oficial proposta pela secretaria de educação.

Todavia, o código que prevaleceu foi o código baseado no carisma, nos julgamentos morais e na afetividade e a nova gestão não atingiu seu objetivo de impor uma organização baseada em um código mais burocrático-racional. Nos moldes como o drama se estabeleceu criou-se uma oposição entre duas “culturas de gestão” – carismática *versus* burocrática – impossibilitando uma terceira via em que traços de ambos os tipos estivessem mesclados. Assim, o drama não produziu uma ruptura ou cisão, mas o reforço das regras tradicionalmente vigentes. Os atores daquela escola continuaram com a escola de sempre, continuaram os mesmos.

“WE ARE STILL THE SAME”: A STUDY OF SOCIAL DRAMA IN A SCHOOL CARIOCA

ABSTRACT: *During the fieldwork, conducted in a state school in the south zone of Rio, we used the analytical perspective of Victor Turner, from the concept of social drama. An extraordinary event broke relations governed by the standard starting drama. In crisis triggered became clear the power lines that structured social relationships within the school and this with the State Department of Education of Rio de Janeiro. The director was away, the school went through a sort of interstitial between the old rule and what was to come. The rite has become collective. Occurring public expression and symbolic reconciliation between*

“AINDA SOMOS OS MESMOS”: UM ESTUDO SOBRE
DRAMA SOCIAL EM UMA ESCOLA CARIOCA

the parties to the conflict to reconstruction, at least temporarily, the social fabric frayed. At the end prevailed code based on charisma and moral judgments. With that, the drama did not produce a break, but consolidated the traditionally existing rules that school.

KEYWORDS: *Social Drama. High school. School.*

REFERÊNCIAS

GALENO, S. **Uma escola de luta:** os significados da educação em análise num estudo de drama social. 2009. 169f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

MAGGIE, Y. **Guerra de Orixá:** um estudo de ritual e conflito. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

TURNER, V. **O Processo Ritual.** Petrópolis: Vozes, 1974.

_____. **Schism and Continuity in an African Society:** a study of Ndembu Village Life. Oxford; Washington, DC: Berg, 1957.